

Como é ser pai ou mãe pela primeira vez? De uma criança saudável ou de outra menos saudável? Como é ser pai de um filho que se mete em problemas ou de outro que é sobredotado? Como é ser mãe e não ter ninguém com quem partilhar o crescimento do filho? Ao longo desta semana, o PÚBLICO abre a cortina e espreita a vida dos pais portugueses

“Primeiro quero orientá-lo, depois preocupo-me com os meus sonhos”

Mãe solteira Ser mãe solteira é manter firmeza mesmo quando não se tem certezas. Neste processo de educar um ser humano a solo, há dúvidas que ficarão para sempre por esclarecer

Catarina Gomes

Ivo sabe que Eduarda Coelho chegou a ter na mão um papel com a morada de uma clínica de abortos e o preço para interromper a gravidez. Também sabe que no centro de saúde uma enfermeira chegou a dizer-lhe que havia a hipótese de o dar para adopção mal nascesse. Aos 17 anos, como ao longo de toda a sua vida, reuniu várias opções, analisou-as e escolheu. “Ele tem consciência de que foi desejado.” O pai manteve-se longe da vida dos dois.

Nos primeiros oito anos de vida do filho, Eduarda, uma mãe solteira hoje com 39 anos, teve a sorte de ter uma retaguarda familiar composta pela mãe e por duas irmãs, pouco mais velhas que ela, que se tornaram numa espécie de mães substitutas de Ivo enquanto ela se concentrava em tirar um curso que já não era o que sonhava, o de Formação Bancária. Vivía em casa dos pais e, nesses tempos, “quase só o deitava”.

Tinha ele oito anos quando Eduarda conseguiu finalmente meios para ir viver sozinha com o filho. Ele, de alguma forma, percebeu logo aí que a sua era uma casa onde rapidamente tinha que se fazer grande e autónomo, talvez um pouco mais cedo do que outros meninos da sua idade.

Uma segunda voz

A mãe conta que nunca teve de o acordar de manhã, de lhe dizer para se vestir, lavar, tomar o pequeno-almoço, ir para a escola ou fazer os trabalhos de casa. Eduarda nunca saberá se a autonomização rápida do filho era já fruto da sua personalidade ou resultou antes de uma adaptação às circunstâncias, e essa é uma das dúvidas que sempre pairam na solidão de se ser mãe solteira. Há decisões em relação ao filho



Eduarda Coelho foi mãe aos 17 anos: “Ter tido um filho deu-me uma visão diferente da vida”

Eduarda nunca saberá se o filho se tornou cedo autónomo devido à sua personalidade ou às circunstâncias, e essa é uma das dúvidas que sempre pairam na solidão de se ser mãe solteira

que soube muito bem tomar sozinha. “Não tens ninguém com quem discutir, e isso é óptimo”, conta Eduarda. Mesmo naquelas decisões mais simples, “se vai ou não para uma colónia de férias”, coisas em relação às quais seria inevitável haver “discussõezinhas” de casal. Mas nas grandes, aquelas que mais custam tomar, nessas sentiu que o processo era incompleto. “A criança precisa sempre de uma outra voz. Não há ponto de fuga.”

Num casal, se o desentendimento é com um dos pais, o outro pode intervir como mediador, afirma. No seu caso, era apenas ela e mais ela. Nas decisões mais controversas, fez-lhe falta alguém a quem ouvir, para saber se estava mesmo certa, para saber “até que ponto é que a palmaria foi bem dada”.

O mar das tormentas atravessou-o na adolescência do filho. “É um período muito conturbado” em que é pedida firmeza e coerência quando as incertezas se multiplicam. A ela, que de início ganhava pouco mais do que um ordenado mínimo, custou-lhe ter que sustentar os dois e, tal como teve que ser pragmática e tornar-se bancária em vez de decoradora de interiores – o sonho com que a apanhou a gravidez na adolescência –, sempre sentiu que tinha que chamar o filho à terra.

No 9.º ano, face à sua teimosia em ir estudar música, dizia-lhe: “Contam-se pelos dedos das mãos as pessoas que em Portugal conseguem viver da música. Não é realista”. Bem o tentou fazer ver a coisa por outro prisma, colocar outras opções, como ela sempre fez. Ele

insistia que era a música que queria. E a mãe, contra os resultados dos testes psicotécnicos que lhe davam aptidões para a área, desviou-o para outra que também estava na lista, Humanidades. Foi neste desvio que começou um período de agitação. “Faltava-me às aulas...”, conta Eduarda.

Aprender a sobreviver

Hoje Eduarda tem 39 anos e Ivo 22. Ele está inscrito num curso profissional de Produção e Criação Musical que, depois de dois anos, lhe pode vir a abrir as portas da música com que sonhava. “Acabei por fazer aquilo que ele queria. No fundo, fui lá parar.”

Pensa que está a ensiná-lo a sobreviver. Mesmo antes de ser mãe aos 17 anos, Eduarda já era responsável, mas hoje tem a certeza de que a sua vida teria sido muito diferente. “Ter tido um filho deu-me uma visão diferente da vida. Tinha tido uma vida mais desleixada. Gosto muito de ver a realidade, não gosto de sonhar...”

Sempre o preparou para ser autónomo e vai agora esperar mais um ano até que o filho acabe o curso. Depois, chega. Não vai esperar que arranje um emprego na área, até porque tem que começar a contribuir para a casa. E, nessa altura, quem sabe, talvez Eduarda comece a pensar no que deixou para trás aos 17 anos, quando engravidou. “Primeiro quero orientá-lo, depois preocupo-me com os meus sonhos”.

Quanto ao feitio do filho, “tão reservado”, de quem não partilha problemas, de quem não é tão sociável como ela, subsistem as dúvidas. “Será que ele é assim porque eu fui mãe solteira? Será que ele teria esta postura se tivesse outra pessoa que o orientasse? Nunca vou ter esclarecimentos. Qualquer filho de pai solteiro vai sentir isso.”